

## EQUACIONANDO O EFEITO DA POSIÇÃO NA VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO

### *EQUATING THE EFFECT OF POSITION ON THE VARIATION OF THE NOMINAL NUMBER AGREEMENT*

*Dante Lucchesi*<sup>1</sup>

*Jaqueline Dália*<sup>2</sup>

#### RESUMO

A variação na concordância nominal de número é um dos aspectos da morfossintaxe do português brasileiro mais estudados pela Sociolinguística. Desde os primeiros estudos, na década de 1970, a natureza e a posição do constituinte no sintagma nominal têm sido consideradas os principais condicionamentos estruturais do fenômeno. Em uma análise que se tornou um marco no campo, Scherre (1988) concluiu que os elementos não nucleares à esquerda do núcleo são mais marcados do que os elementos à direita do núcleo e que o núcleo em 1ª posição é mais marcado do que nas outras posições. Desde então as análises variacionistas têm repetido esse esquema, chegando essencialmente às mesmas conclusões. Com base em uma análise variacionista do fenômeno em uma amostra de fala vernácula do português rural da região serrana do estado do Rio de Janeiro, este artigo buscará avançar no enfrentamento da questão, reforçando generalizações que se diluíram no esquema de Scherre, sobretudo a de que o número é marcado quase que categoricamente na 1ª posição do SN, e iluminando detalhes que ficaram obscuros, como a forma como é feita a marcação do plural quando o SN possui dois determinantes pré-nucleares e como é a marcação do modificador pós-nuclear quando este não está adjacente ao núcleo do SN.

**PALAVRAS-CHAVE:** Concordância nominal de número; Português rural brasileiro; Análise variacionista; condicionamentos estruturais; Sintagma nominal

#### ABSTRACT

The variation in nominal number agreement is one of the aspects of Brazilian Portuguese morphosyntax most studied by Sociolinguistics. Since the first studies, in the 1970s, the nature and the position of the constituent in the noun phrase have been considered the main structural constraints of the phenomenon. In an analysis that became a landmark in the field, Scherre (1988) concluded that the non-nuclear elements on the left of the head are more marked than the elements on the right and that the head in the 1st position is more marked than in the other positions. Since then, the variationist analysis have repeated this scheme, coming to the same conclusions essentially. Based on a variationist analysis of the phenomenon in a sample of vernacular speech of rural Portuguese in the mountain region of the State of Rio de Janeiro, this article will seek to advance in facing the issue, reinforcing generalizations that were diluted in Scherre's scheme, especially that the number is marked almost categorically in the 1st position of the NP, and illuminating details that have become obscure, such as how the plural marking

---

<sup>1</sup> Professor Titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense e Bolsista de Produtividade em Pesquisa, Nível 1B, do CNPq. E-mail: [dante.lucchesi@gmail.com](mailto:dante.lucchesi@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Letras - Estudos da Língua (UERJ), professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal Fluminense, líder do NuPERF - Núcleo de pesquisas e estudos sobre as ruralidades fluminenses/IFF. E-mail: [jaquelinethurlerdalia@gmail.com](mailto:jaquelinethurlerdalia@gmail.com) / [jaqueline.dalia@iff.edu.br](mailto:jaqueline.dalia@iff.edu.br)

is done when the NP has two determinants before the head and how is the modifier after the head marked when it is not adjacent to the NP head.

**KEYWORDS:** Nominal number agreement; Brazilian Rural Portuguese; Variationist Analysis; Structural constraints; Nominal phrase.

## 1 Introdução

A variação na concordância de número é um dos fenômenos da morfossintaxe do português brasileiro (PB) mais estudados pela Sociolinguística quantitativa no Brasil. E a percepção de que a posição do constituinte condicionava fortemente a marcação do plural no sintagma nominal (SN) esteve presente, desde as análises pioneiras do fenômeno. A primeira constatação foi a de que o plural era marcado sobretudo na 1ª posição do SN, e essa marcação decaía sensivelmente na 2ª posição e iria caindo progressivamente a partir daí (BRAGA; SCHERRE, 1976; BRAGA, 1978; SCHERRE, 1978, NINA, 1980; GUY, 1981a). Já Guy (1981b), a partir do estudo de Poplack (1980) sobre o espanhol de Porto Rico, propôs uma correlação entre a 1ª posição e o determinante, a 2ª posição e o nome, e a 3ª posição e o adjetivo, e afirmou que a marcação do plural no determinante na 1ª posição seria muito elevada, caía muito no nome na 2ª posição e um pouco mais ainda no adjetivo, na 3ª posição.

Scherre (1988, 1996) questionou a correlação proposta por Guy, argumentando que os substantivos também ocorrem na 3ª posição e que o adjetivo também figura na 2ª posição e conclui:

Portanto, se igualarmos segunda posição e substantivo, deixaremos de captar qualquer regularidade que envolva outras classes gramaticais que ocorram nesta posição, pois a maioria dos casos que ocorre aí é exatamente de substantivos. Se igualarmos também terceira posição e adjetivo, deixaremos de ver como se comporta o substantivo nesta posição, além de podermos estar estabelecendo conclusões falsas a respeito do comportamento do adjetivo. (SCHERRE, 1988, p. 153)

Scherre (1996, p. 101) também questionou a primeira grande generalização dos estudos anteriores avaliando que “a simples afirmação de que a primeira posição do SN é a mais marcada não é, portanto, adequada”. E formulou um esquema no qual os constituintes eram distinguidos entre nucleares e não nucleares; estes eram apartados entre os que figuravam antes do núcleo e os que vinham depois do núcleo, e aqueles se distribuíam em núcleo em 1ª, 2ª e 3ª posição. Com base nessa fatoração da variável posição do constituinte, chegou às seguintes conclusões: “1) As classes não nucleares antepostas são mais marcadas do que as pospostas;

[...] 2) Os elementos nucleares não são igualmente marcados em todas as posições: na primeira e na terceira são sempre mais marcados do que na segunda” (SCHERRE, 1996, p. 100-101).

A análise de Scherre se tornou um marco e, desde então, praticamente todos os estudos da variação na concordância nominal de número no PB adotaram a fatoração da variável posição formulada por Scherre, com pouca ou nenhuma alteração, confirmando, no essencial, os seus resultados. Assim, decorridos mais de trinta anos desse estudo clássico, praticamente não se avançou na compreensão de como a posição do constituinte e a sua natureza (ou classe gramatical) afetam a marcação do plural no SN, para além das conclusões de Scherre (1988), o que pode ser interpretado como uma certa estagnação do modelo.

Diante disso, a análise apresentada aqui buscará demonstrar, em primeiro lugar, que as generalizações dos estudos pioneiros estavam essencialmente corretas, especialmente a de que a marcação do plural na 1ª posição é quase categórica. Além disso, o esquema determinante + nome + adjetivo se ajusta a uma adequada concepção da estrutura do SN, que contempla três posições essenciais: a dos determinantes que se antepõem ao nome, o nome núcleo do SN e os modificadores pós-nominais. Além disso, esta análise vai procurar avançar no sentido de esclarecer pontos que permaneceram obscuros no esquema de Scherre. Primeiramente, qual a diferença no padrão de marcação do plural quando se tem apenas um determinante antes do nome e quando se tem mais de um determinante antes do nome. Uma segunda questão é saber se há alguma diferença na marcação do plural no modificador pós-nuclear, quando este vem imediatamente após o nome e quando há um constituinte entre ele e o nome. Além disso, será feita a correlação entre a marcação do plural em cada constituinte com as variáveis número de constituintes do SN e realização ou não do seu núcleo nominal.

Nesse sentido, esta análise também defende uma mudança na orientação predominante nos estudos variacionistas da concordância nominal de número, que priorizam ou mesmo se restringem à observação da marcação do plural em cada constituinte, que Scherre (1988) denominou *abordagem atomística*, desprezando ou mesmo ignorando a aplicação da regra de concordância no SN como um todo, que Scherre denominou *abordagem não atomística*. Adota-se aqui a denominação de Autor (Ano), que chama a primeira de *abordagem mórfica*, pois esta focaliza o processo mórfico de flexão de número do item lexical, e a última de *abordagem sintagmática*, já que ela captura a relação sintagmática que une todos os constituintes do SN no mecanismo da concordância de número. A abordagem sintagmática é a única que pode fornecer uma imagem adequada do fenômeno da concordância de número no SN, tanto em termos de sua frequência de realização, quanto em termos do seu condicionamento social. Assim, os resultados da análise mórfica relativos às variáveis posição e natureza do constituinte devem

ser correlacionados com os resultados das variáveis da análise sintagmática, tanto para capturar a interação entre os dois planos fenômeno, quanto para mensurar o efeito da marcação ou não do plural em cada constituinte sobre a aplicação ou não da regra de concordância no SN como um todo.

Esta reflexão tem como base empírica os resultados de uma análise quantitativa do fenômeno em uma amostra de fala vernácula de comunidades rurais da Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro. A amostra de fala informal foi coletada por um dos autores deste artigo, junto a 35 moradores do 3º Distrito do município Nova Friburgo, no ano de 2017. Os entrevistados são 19 mulheres e 16 homens, divididos em dois grupos geracionais: um de agricultores, com idade entre 35 e 55 anos, que, em sua maioria, cursaram, apenas, o 1º Segmento do Ensino Fundamental; e outro de jovens, filhos desses agricultores, com idade entre 14 e 19 anos, estudantes do Ensino Médio.

Nessa amostra de fala transcrita, foram elicitadas todas as ocorrências de SNs no plural, que foram codificadas em função das variáveis das abordagens sintagmática e mórfica, para o processamento quantitativo, com o recurso ao programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Essa análise variacionista de base quantitativa (LABOV, 2008[1972], 1994, 2001) visa a identificar os condicionamentos estruturais e sociais do fenômeno, porém a análise aqui apresentada se concentra nos resultados das variáveis posição e natureza do constituinte da abordagem mórfica, correlacionadas a algumas variáveis da abordagem sintagmática.

E para cumprir esses objetivos, este artigo se estrutura da seguinte maneira. A seção 2 apresenta os resultados gerais da análise quantitativa da variação na concordância nominal de número no português rural da região serrana do estado do Rio de Janeiro, tanto na abordagem sintagmática, quanto na abordagem mórfica. A seção 3 traz um balanço das análises variacionistas do fenômeno. A seção 4 apresenta os resultados da variável posição, com base em uma nova fatoração dessa variável aqui formulada. A seção 5 focaliza a forma como é feita a marcação do plural nos determinantes. Na conclusão do artigo, é feita uma síntese dos resultados apresentados, propondo-se uma nova equação dos efeitos da variável natureza e posição do constituinte sobre a variação na marcação do plural no SN.

## 2 Resultados gerais da análise quantitativa da variação na concordância de nominal de número no português rural da região Serrana do Rio de Janeiro

Nesta seção, serão apresentados os resultados gerais da análise quantitativa da variação na concordância nominal de número do SN na amostra de fala vernácula do português rural da Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, tanto na abordagem sintagmática, quanto na abordagem mórfica. Na abordagem sintagmática, a variável dependente é definida, opondo a aplicação da regra de concordância no SN como um todo, quando todos os constituintes flexionáveis do SN exibem a marca de plural, como exemplificado em (1), à não aplicação da regra, quando ao menos um constituinte flexionável do SN deixa de exibir a marca de plural, como exemplificado em (2):

(1) Acho que é um *dos pontos mais bonitos*.<sup>3</sup>

(2) Acho também que *as pessoas mais antiga*, eles não tinha estudo.

Na amostra de fala analisada, foram elicitadas 1.668 ocorrências de SNs no plural, nas quais a regra de concordância foi aplicada totalmente em 802 ocorrências, o que corresponde a 48,1% do total, como se observa na Tabela 1. Ou seja, a frequência de aplicação da regra de concordância nominal de número na comunidade fica ligeiramente baixo da metade do total.

**Tabela 1** – Frequência da concordância de número no SN, no português rural da Serra Fluminense (abordagem sintagmática)

Aplicação da regra de concordância	Nº de ocorrências/Total	Frequência
Sim	802/1.668	48,1%
Não	866/1.668	51,9%

A análise do fenômeno na abordagem mórfica não focaliza a aplicação da regra no SN como um todo, mas a presença ou a ausência da marca de plural em cada um de seus constituintes, opondo a presença de marca no constituinte (+) à sua ausência (-), como representado nos exemplos (3) e (4):

(3) É, eu acho que tem *uns(+)* *cem associado(-)*.

(4) [É rural] também por causa *dos(+)* *produtores(+)* *rurais (+)*.

Se, na abordagem sintagmática, cada SN no plural constitui uma ocorrência, na abordagem mórfica, cada constituinte flexionável em número de cada SN no plural constitui

<sup>3</sup> Exemplos retirados da base de dados desta análise.

uma ocorrência. Na amostra analisada, foram depreendidas 3.206 ocorrências de constituintes flexionáveis em número em SNs no plural, dos quais 2.289 se flexionaram em número, como se pode ver na Tabela 2:

**Tabela 2** – Frequência da marcação de plural em cada constituinte flexionável em número do SN plural, no português rural da Serra Fluminense (abordagem mórfica)

Marcação de plural	Nº de ocorrências/Total	Frequência
Com marcação	2.289 / 3.206	71,4%
Sem marcação	917 / 3206	28,6%

A marcação formal do plural ocorreu em 71,4% dos constituintes flexionáveis em número, ao passo que a frequência de aplicação da regra de concordância de número no SN como um todo foi de 48,1% do total. Contrastando esses percentuais, pode-se perceber o equívoco de tomar os resultados da análise mórfica para retratar quantitativamente o fenômeno da variação na concordância de número no SN, bem como analisar os seus condicionamentos sociais. A regra é definida socialmente como a marcação do plural em todos os constituintes flexionáveis em número do SN que estiver no plural. Se um único constituinte não portar essa marca, considera-se que o falante não aplicou a regra. Portanto, o único resultado que retrata quantitativamente o fenômeno, com precisão, é o da abordagem sintagmática. No caso aqui em estudo, por exemplo, os falantes da zona rural da região serrana do Estado do Rio de Janeiro, em média, aplicam a regra de concordância de número em um de cada dois SNs no plural. Porém, se o resultado utilizado fosse o da análise mórfica, seria passada a falsa ideia de que os falantes da comunidade aplicavam a regra em quase três de cada quatro SNs no plural.

Infelizmente, muitas análises variacionistas do fenômeno incorrem nesse erro de apresentar a frequência geral da concordância nominal de número com base no resultado da abordagem mórfica. Além de passar uma imagem distorcida do fenômeno, impedem o cotejo entre os diversos estudos, já que uns exibem os resultados da análise sintagmática, e outros, só dá mórfica. Essa distorção decorre da visão de que os condicionamentos estruturais mais relevantes do fenômeno, como a posição do constituinte no SN, só poderiam ser observados na abordagem mórfica. As próximas seções contêm uma argumentação que buscará demonstrar que, mesmo no caso da variável posição, os resultados da abordagem mórfica devem ser correlacionados aos da abordagem sintagmática, para uma compreensão mais ampla e adequada dos condicionamentos estruturais da variação na concordância nominal de número.

### 3 O tratamento da posição do constituinte nas análises variacionistas da concordância nominal de número

A percepção de que a marcação do plural era condicionada pela posição do constituinte no SN, bem como pela sua classe gramatical, sempre esteve presente nas análises variacionistas da concordância nominal de número. Guy (1981a, p. 168) já observava que “a marcação do plural quase sempre ocorre na primeira palavra do SN, mas é relativamente rara nas palavras subsequentes”<sup>4</sup>, com base na análise quantitativa feita em uma amostra de fala de alunos adolescentes e adultos do antigo MOBREAL, ou seja, indivíduos com pouca ou nenhuma escolaridade da cidade do Rio de Janeiro. Desde então, uma série de análises variacionistas tem confirmado isso, com ligeiras flutuações, como se pode ver nesta tabela comparativa:

**Tabela 3** – Marcação de plural em função da posição linear do constituinte (vários estudos)

Estudo	1ª posição		2ª posição		3ª posição		4ª posição	
<b>Guy (1981a)</b>	95%	<b>.94</b>	28%	<b>.47</b>	21%	<b>.41</b>	11%	<b>.10</b>
<b>Lopes (2001)</b>	99%	<b>.85</b>	69%	<b>.22</b>	62%	<b>.21</b>	59%	<b>.17</b>
<b>Oshiro (2015)</b>	99,7%	<b>.92</b>	85,9%	<b>.15</b>	86,5%	<b>.15</b>	85,7%	<b>.14</b>
<b>Esta análise</b>	97,3%	<b>.800</b>	51,7%	<b>.252</b>	50%	<b>.280</b>	6,6%	<b>.145</b>

Fonte: Autores citados e este estudo.

Como se pode ver, a marcação do plural na primeira posição é sempre superior a 95% dos casos, chegando em alguns estudos a quase atingir a totalidade das ocorrências. Tomando como base a escala proposta por Labov (2003, p. 243),<sup>5</sup> pode-se dizer que a marcação do plural na primeira posição é uma regra semicatórica que, em alguns casos, atinge o limiar de uma regra categórica. Com base nos pesos relativos (PRs), pode-se afirmar que há uma queda brusca quando se passa da 1ª para a 2ª posição. Já a diferença entre a 2ª e a 3ª posições não é constante. Ainda com base nos PRs, há uma ligeira queda quando se passa da 2ª para a 3ª posição, nos resultados de Guy. Já em Lopes e Oshiro, não há diferença. E os resultados desta análise apresentam uma ligeira elevação quando se passa da 2ª para 3ª posição. Por fim, todas as

<sup>4</sup> Traduzido do original inglês.

<sup>5</sup> Nesse artigo, Labov (2003) defende que, entre 95 e 99% de frequência, a regra seria *semicatórica*; acima de 99%, seria *catórica*. E a margem de 5 e 95% compreenderia o espectro das *regras variáveis*.

análises identificaram uma queda abrupta da marcação do plural, na 4ª posição do SN em diante.<sup>6</sup>

Naturalmente, a mera observação da posição linear não permite observar a ação de uma série de outros fatores que estão atuando aí de forma subjacente, o que explicaria as flutuações observadas. Nesse sentido, é preciso articular a variável posição com uma série de outras variáveis, como a classe gramatical do constituinte e a própria função do constituinte dentro do SN (se é o seu núcleo, se é um determinante ou um modificador etc.). Porém, essa observação de detalhe que possibilita uma identificação mais ampla e profunda das determinações estruturais da variação na concordância de número no SN não pode entrar em contradição com as generalizações que já se impõe a partir dessa observação mais geral, como é o caso do fato inquestionável de que *a marcação do plural é feita prioritariamente na primeira posição do SN*.

Por outro lado, a intensidade da queda na frequência da marcação do plural quando se passa da 1ª para a 2ª posição depende de vários fatores estruturais, como a classe gramatical e função do elemento que ocupa essa 2ª posição no SN, como se verá adiante. Porém, considerando, a estrutura mais frequente do SN na fala informal, na qual um determinante ocupa a 1ª posição e o nome núcleo ocupa a 2ª posição, pode-se afirmar que essa queda é significativa, variando de acordo com o nível de escolaridade do falante, como se pode ver na Tabela 3. A maior diferença se encontra nos dados de Guy (caindo de 95 para 28%), obtidos com os falantes de menor escolaridade entre os estudos cotejados. Essa diferença diminuirá proporcionalmente à elevação do nível de escolaridade dos falantes, aumentando a frequência de marcação do plural no núcleo do SN, o que elevaria a frequência geral de aplicação da regra de concordância no SN como um todo. Portanto, a aplicação da regra de concordância de número no SN (i.é., a marcação do plural em todos os constituintes flexionáveis em número no SN) é determinada diretamente pela marcação do plural no núcleo do SN e nos modificadores pós-nominais, já que a marcação na 1ª posição, que é majoritariamente ocupada por um determinante, é praticamente categórica.

Com base nessas considerações, a análise que aqui se apresenta assume e defende os seguintes princípios epistemológicos:

---

<sup>6</sup> Em função do seu reduzido número, as eventuais ocorrências de constituintes na 5ª ou 6ª posições são reunidos no conjunto das ocorrências da 4ª posição.

- (i) as observações de detalhe, obtidas com o cruzamento de variáveis, não podem entrar em contradição com os princípios gerais de condicionamento estrutural da variação na concordância de número no SN;
- (ii) essas observações de detalhe permitem identificar, sobretudo, os condicionamentos estruturais em SNs de configuração mais complexa;
- (iii) mais esses resultados devem ser relativizados em função das estruturas prototípicas do SN, particularmente na fala vernácula;
- (iv) a observação da marcação do plural em cada constituinte do SN (da abordagem mórfica) deve ser conjugada com a observação da aplicação da regra de concordância de número no SN como um todo (da abordagem sintagmática), para se ter uma adequada compreensão de conjunto dos condicionamentos estruturais do fenômeno variável.

Embora a mera observação da frequência de marcação do plural pela variável posição linear já permita generalizações importantes sobre os condicionamentos estruturais da variação na concordância nominal de número, o cruzamento com outras variáveis, como a classe gramatical do constituinte, se mostrou necessário para ampliar e aprofundar a compreensão do fenômeno. Assim, Guy (1981b *apud* Scherre, 1988) propõe uma correlação entre posição e classe gramatical, fazendo um paralelo dos seus resultados sobre a posição com os resultados sobre a classe gramatical, obtidos por Poplack (1980b) para o espanhol de Porto Rico, como se pode ver na tabela X:

**Tabela 4** – Marcação de plural em função da posição linear e da classe gramatical do constituinte

<b>EFEITO PARALELO DA POSIÇÃO NA MARCA DE PLURAL</b>			
<b>CLASSE GRAMATICAL DO ELEMENTO DO SINTAGMA NOMINAL</b>			
Espanhol de Porto Rico (POPLACK, 1980)	<b>Determinante</b>	<b>Nome</b>	<b>Adjetivo</b>
	.74	.43	.71
<b>POSIÇÃO DO ELEMENTO NO SINTAGMA NOMINAL</b>			
Português do Brasil (GUY, 1981a)	<b>1ª Posição</b>	<b>2ª Posição</b>	<b>3ª Posição</b>
	.93	.43	.34

Fonte: Scherre (1988, p. 152)

Mas, Scherre (1988, p. 152) se opõe a essa correlação, argumentando que os substantivos podem ocorrer na 3ª posição, os adjetivos também podem ocorrer na 2ª posição e que a frequência de marcação nesses constituintes vai se alterar em função disso. Todas essas

alegações são válidas, mas eles não anulam a generalização que a correlação de Guy revela. Daí a importância do princípio epistemológico expresso em (i) acima. É claro que o adjetivo pode figurar, não apenas na 2ª, mas também na 1ª posição, e isso vai alterar a frequência com que essa classe se flexiona em número. O mesmo se aplica aos substantivos, bem como aos determinantes, numa escala mais reduzida – com uma ligeira diferença na marcação de plural quando se tem um ou dois determinantes no SN. Porém, tudo isso não anula a percepção alcançada por Guy de que, em um SN prototípico, com a composição Det + Nome + Adj, nessa ordem, a marcação do plural no determinante em 1ª posição é quase categórica, e decai sensivelmente na 2ª posição, ocupada por um nome, nas variedades linguísticas em que a variação na concordância nominal de número é muito elevada, e decresce um pouco mais ainda no adjetivo que ocupa a 3ª posição. Os resultados da análise quantitativa que aqui se vão apresentar comprovarão isso.

Conquanto tenha alcançado uma generalização válida, a correlação proposta por Guy estava longe equacionar todos os problemas envolvidos na correlação entre a posição do constituinte e a flexão de número. Assim, um avanço significativo foi alcançado com o esquema desenvolvido por Scherre (1988), no qual os elementos são distinguidos apenas entre nucleares e não-nucleares e que esses últimos devem ter sua posição considerada em relação ao núcleo do SN. Com base nisso, a pesquisadora estruturou esse grupo de fatores com os seguintes valores: núcleo na 1ª posição, núcleo na 2ª posição, núcleo na 3ª posição, classe não nuclear anteposta e classe não nuclear posposta. Em Scherre e Naro (1997, p. 105), as posições dos elementos não nucleares foram subdivididas como se pode ver na Tabela 5, com resultados obtidos na amostra do PEUL (Amostra Censo 1980), que reúne falantes dos dois sexos do Rio de Janeiro, com 1 a 11 anos de escolaridade:

**Tabela 5** – Marcação de plural em função da posição relativa do constituinte

<b>Posição relativa do Constituinte</b>	<b>Nº/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Elemento à esq. do núcleo na 1ª posição	4885/5005	98%	<b>.88</b>
Elemento à esq. do núcleo na 2ª posição	264/279	95%	<b>.84</b>
Elemento à dir. do núcleo na 2ª posição	102/147	69%	<b>.28</b>
Elem. à dir. do núcleo nas demais posições	170/479	35%	<b>.15</b>
Núcleo na 1ª posição	180/190	95%	<b>.67</b>

Núcleo na 2ª posição	3277/6375	51%	<b>.20</b>
Núcleo na 3ª posição	381/625	61%	<b>.27</b>
TOTAL	9259/13100	71%	

Fonte: Scherre e Naro (1997, p 105)

Essa fatoração da variável posição possibilitou generalizações importantes, que podem ser sumarizadas da seguinte maneira:

Elementos não nucleares à esquerda do núcleo favorecem marcas explícitas; elementos não nucleares à direita do núcleo desfavorecem-nas. Os núcleos, por sua vez, favorecem mais marcas explícitas se ocuparem a primeira posição na cadeia sintagmática, ou seja, se estiverem linearmente mais à esquerda na construção; caso contrário, desfavorecem-nas, indicando até uma leve tendência sistemática de mais favorecimento nos núcleos que se encontram a partir da segunda posição no sintagma nominal. (SCHERRE; NARO, 1997, p. 106)

Assim, esse mapeamento proposto por Scherre representou um importante avanço no equacionamento da questão, e desde então tem sido adotado pelas diversas análises variacionistas do fenômeno, com pequenas alterações e chegando a resultados similares com pequenas variações, que não o comprometem (FERNANDES, 1996; LOPES, 2001; ANDRADE, 2003; BRANDÃO, 2011, 2013; OUSHIRO, 2015; MARTINS; COELHO, 2019, entre outros).

Essa manutenção do esquema de Scherre por mais de trinta anos acabou por impedir o progresso da compreensão do fenômeno dentro da abordagem variacionista, pois, em que pesem os avanços que trouxe, vários aspectos do condicionamento estrutural do fenômeno permaneceram obscuros e algumas generalizações importantes foram obnubiladas, como se pode ver nesta afirmação de Scherre (1996, p. 101): “A simples afirmação de que a primeira posição do SN é a mais marcada não é, portanto, adequada”. Mais uma vez, Scherre não segue o princípio apresentado acima em (i), e esse equívoco epistemológico faz com que ela negue um fato evidente: a marcação do plural no SN é feita prioritariamente na primeira posição. Mais do que isso, a primeira posição é *per se* um fator condicionador da marcação do plural. Isso pode ser comprovado nos próprios resultados de Scherre, apresentados na Tabela 5. Quando o núcleo figura na 2ª posição, a frequência de marcação do plural é de 51% (PR .20), porém, na 1ª posição, a frequência de marcação do plural sobe para 95%, e o valor do peso relativo (PR

.67) mais que triplica! Isso é uma evidência incontestável da força da primeira posição na marcação do número no SN.

Por outro lado, pode-se argumentar, ainda, com base nos resultados apresentados na Tabela 5, que a diferença entre a 1ª e 2ª posição, quando se trata de elementos não nucleares, não é significativa, já que a frequência de marcação de plural cai apenas três pontos percentuais (de 98 para 95%), com uma pequena diferença também, nos pesos relativos (de .88 para .84). Ao contrário, a diferença na frequência de marcação do plural entre um elemento não nuclear e na 1ª posição e o núcleo na 2ª posição é de 47%, com PRs de .88 e .20, respectivamente. Para explicar essa diferença tão significativa é preciso recorrer a uma representação analítica um pouco mais explícita do sintagma nominal.

Nesse sentido, pode-se pensar o SN como formado por um núcleo nominal, normalmente antecedido por elementos determinantes<sup>7</sup>, e menos regularmente seguido por elementos modificadores. Entre os determinantes estão os artigos, demonstrativos, numerais, possessivos, quantificadores e pronomes indefinidos. Os adjetivos são os modificadores *par excellence*, mas também devem ser incluídos nessa categoria os sintagmas preposicionados (e.g. *os problemas do João*) e as orações relativas (e.g. *as coisas que eu mais quero*); esses dois últimos constituintes não participam do processo de concordância de número com o núcleo do SN.<sup>8</sup> Além disso, alguns adjetivos podem figurar antes do núcleo, como em: *meus novos amigos, o irascível João*; da mesma forma o possessivo, que é um determinante, pode, em construções marcadas, figurar após o nome (e.g., *um problema meu*). No primeiro caso, pode-se dizer que são modificadores antepostos ao nome; no segundo, tem-se um determinante posposto ao nome. Então, haveria basicamente três posições no SN: a posição dos determinantes, a posição do núcleo nominal e a posição dos modificadores. A posição do núcleo é a única que só admite um elemento, admitindo, entretanto, a coordenação (e.g. *meus tios e primos da Bahia*), já que é possível coordenar elementos em qualquer nível da estrutura sintática. As posições de determinantes e modificadores aceitam mais de um elemento.

Com base nessa concepção da estrutura do SN, a principal generalização do esquema de Scherre, pode ser formulada nos seguintes termos: a marcação do plural é feita de forma quase categórica no determinante (ou nos determinantes), e numa frequência bem mais baixa nos modificadores pós nominais. Além disso, pode-se afirmar, no caso do que os gerativistas chamam de *nomes nus* (ing. *bare nouns*), ou seja, SNs sem determinantes (e.g.: *são gatos*

---

<sup>7</sup> Os gerativistas denominam esses elementos *especificadores*, em sua Teoria X-Barra.

<sup>8</sup> Na Teoria X-Barra, todos os modificadores estariam em adjunção ao núcleo.

*selvagens; vendem-se roupas usadas*), a marcação do plural é feita diretamente no nome núcleo, numa frequência ligeiramente inferior à frequência de marcação dos determinantes. Já em sua posição canônica (após o determinante), a marcação no nome núcleo decai sensivelmente, na proporção do nível de variação do fenômeno na variedade focalizada, como argumentado acima.

Dessa forma, pode-se explicar a disparidade nas diferenças de frequência, referida acima, entre a 1ª e a 2ª posições, quando nelas figuram dois determinantes e quando nelas figuram um determinante e o núcleo nominal. No primeiro caso, o que se tem é uma ramificação da primeira posição dos determinantes. No segundo caso, tem-se duas posições qualitativamente distintas, a do determinante e a do núcleo nominal.

Esses resultados sustentam a seguinte ramificação do SN: [Det] [Nom] [Mod]; com a marcação do plural sendo feita em um nível quase categórico nos determinantes, decaindo quando se passa para o núcleo nominal e desse para os modificadores. Quando o núcleo ocorre em primeira posição, no caso dos chamados nomes nus, esse nome núcleo se flexiona em número em uma frequência quase idêntica à do determinante nessa posição, ou seja, uma frequência quase categórica. A mesma inferência deve ser aplicada aos adjetivos que figuram antes do nome em primeira posição, embora o esquema de Scherre não dê suporte empírico para essa inferência. Assim, essa formalização analítica vai ao encontro da correlação proposta por Guy (1981b), confirmando-a e superando-a, na medida em que é capaz de capturar novas situações particulares dela decorrentes.

Com o intuito de comprovar empiricamente essas generalizações, bem como iluminar alguns pontos que permaneceram obscuros na sistematização alcançada por Scherre, serão apresentados na próxima seção os resultados de uma análise variacionista baseados em uma fatoração da variável posição do constituinte um pouco mais detalhada.

#### **4 Novos efeitos da variável posição do constituinte sobre a marcação do plural no SN**

Apesar dos seus avanços, alguns condicionamentos relativos à posição e à natureza do constituinte ainda permanecem obscuros no esquema proposto por Scherre (1988), tais como: qual é a diferença no padrão de marcação do plural quando se tem apenas um determinante e quando se tem mais de um determinante? Há alguma diferença na marcação do plural entre um modificador pós-nominal adjacente ao núcleo e um modificador pós-nominal separado núcleo por outro constituinte?

Para tentar responder a essas questões, bem como verificar empiricamente as generalizações anteriores, a variável posição relativa do constituinte no SN foi configurada nesta análise com os seguintes valores:

**1ª posição adjacente ao núcleo:**

(5) eu trato *dos cavalos*.

**1ª posição não adjacente ao núcleo:**

(6) o que eu sei foi *o meus pais* que me ensinaram.

**2ª posição adjacente ao núcleo:**

(7) ... conversá com *as própria pessoa*.

**2ª posição não adjacente ao núcleo:**

(8) *os outros dois filho do meu avô*

**Núcleo em 1ª posição:**

(9) ...trabalhava com *ervas medicinais*.

**Núcleo em 2ª posição:**

(10) Tem *dois tio meus que trabalha de a meia um com outro*

**Núcleo em 3ª posição:**

(11) vai perdendo de *todos os lado*,

**2ª posição imediatamente após o núcleo:**

(12) São de *ambientes rurais*

**3ª e 4ª posições imediatamente após o núcleo:**

(13) Vem *das tradições antigas*

**Após o núcleo não adjacente a ele:**

(14) Tem sempre *umas palavras meio difíceis*

Com essa configuração, a variável posição do constituinte apresentou os resultados quantitativos exibidos na Tabela 6. Como só houve quatro ocorrências de elementos em 2ª posição não adjacentes ao núcleo, todos flexionados em número, essas ocorrências foram somadas às ocorrências de 2ª posição adjacentes ao núcleo, formando 2ª posição antes do núcleo, adjacente a este ou não.

**Tabela 6** – Frequência da marcação de plural em cada item do SN em função da posição do constituinte com referência ao núcleo

<b>Posição relativa do constituinte</b>	<b>Nº de ocorrências / Total</b>	<b>Frequência</b>	<b>PR</b>
<b>1ª posição adjacente ao núcleo</b>	1.154 / 1.171	98,5%	<b>.950</b>
<b>1ª posição não adjacente ao núcleo</b>	186 / 206	90,3%	<b>.694</b>
<b>2ª posição antes do núcleo</b>	90 / 113	79,6%	<b>.490</b>
<b>Núcleo em 1ª posição</b>	29 / 30	96,7%	<b>.865</b>
<b>Núcleo em 2ª posição</b>	670 / 1.359	49,3%	<b>.099</b>
<b>Núcleo em 3ª posição</b>	87 / 159	54,7%	<b>.151</b>
<b>2ª posição adjacente ao Núcleo</b>	21 / 38	55,3%	<b>.167</b>
<b>3ª e 4ª posições adjacente ao Núcleo</b>	21 / 48	43,8%	<b>.085</b>
<b>Após o núcleo não adjacente a ele</b>	31 / 82	37,8%	<b>.066</b>
<b>TOTAL</b>	<b>2.293 / 3.211</b>	<b>71,4%</b>	

**Nível de significância: .000**

Confirmando o que já se constatou em todos os estudos anteriores, os resultados do cálculo multivariado revelaram, em primeiro lugar, que a marcação do plural na 1ª posição imediatamente antes do núcleo é quase categórica; com um percentual de 98,5% do total de ocorrências, e peso relativo (PR) de .950. Já quando há dois determinantes antes do núcleo, a marcação do plural na 1ª posição cai mais de oito pontos percentuais em relação à marcação nessa posição imediatamente antes do núcleo (cai de 98,5% para 90,3%). Assim, a diferença entre os PRs confirma que a marcação do plural no determinante que ocupa a 1ª posição cai quando esse determinante está separado do núcleo nominal por um outro determinante (o PR cai de .950 para .694). Porém, o determinante que está na segunda posição e que normalmente vem imediatamente antes do núcleo é ainda menos marcado do que o primeiro determinante, que não está adjacente ao núcleo (79,6% contra 90,3% e PR de .490 contra .694). Esse último resultado contraria a conclusão de Lopes (2001, p. 260) de que a adjacência ao núcleo favoreceria a marcação do plural no determinante.<sup>9</sup> Portanto, pode-se concluir que a marcação do plural entre os determinantes cai quando há mais de um determinante antes do núcleo e, nesses casos, o determinante na primeira posição é mais marcado do que na segunda; o que reafirma a grande prevalência da 1ª posição na marcação do plural no SN.

<sup>9</sup> O problema na análise de Lopes é que ela não separa os fatores *determinante adjacente ao núcleo em 1ª posição* e *determinante adjacente ao núcleo em 2ª posição*.

Essa imensa prevalência da 1ª posição na marcação do plural no SN também se confirma quando se observa o comportamento do núcleo nominal. Na 1ª posição do SN, o núcleo nominal se flexiona em número em uma frequência bem próxima a dos determinantes (96,7% vis-à-vis 98,5%; e PR de .865 frente a .950). Já na segunda posição, sua posição prototípica, a marcação do plural no núcleo cai para 49,3% do total, e a diferença entre os PRs (.865 contra apenas .099) confirma a queda acentuada da marcação do plural no nome, quando este passa da 1ª para a 2ª posição, confirmando os estudos anteriores. Mas, ainda no que concerne à marcação do plural no núcleo do SN, uma constante carece de uma boa explicação: o ligeiro aumento da frequência de marcação do plural, quando se passa da 2ª para a 3ª posição. Nesta amostra de fala, o núcleo se flexiona em 49,3% dos casos em 2ª posição, e em 54,7% na 3ª posição. Essa ligeira elevação se reflete nos PRs: .099 na 2ª posição, e .151 na 3ª posição.<sup>10</sup>

Por fim, os modificadores pós-nucleares exibiram sempre uma frequência de marcação do plural inferior ao do núcleo a que se seguem. A diferença é muito grande quando o núcleo está em 1ª posição, caindo de 96,7% para 55,3% no modificador em 2ª posição (o PR cai de .865 para .167). Já quando o núcleo está na 2ª ou 3ª posição do SN, a diferença é bem menor, caindo de 49,3% ou 54,7% para 43,8% (PR cai de .099 ou .151 para .085). E a frequência de marcação do plural cai ainda mais quando o modificador pós-nominal está separado do núcleo por algum constituinte. Nesses casos, a frequência de marcação do plural é de apenas 37,8%, com PR de somente .066. Portanto, os modificadores pós-nominais são os constituintes que menos se flexionam em número no SN, o que vai impactar na aplicação da regra de concordância no SN como um todo, o que será retomado na conclusão deste artigo.

Portanto, os avanços alcançados na compreensão da variável posição do constituinte podem ser sumarizados da seguinte forma. O plural é marcado de forma quase categórica no Determinante que ocupa a 1ª posição imediatamente antes do núcleo nominal. Essa marcação cai um pouco quando há dois determinantes no SN, sendo que o primeiro é mais marcado que o segundo. Nos SNs sem determinantes, o nome em 1ª posição recebe a marca de plural numa frequência bem próxima à do determinante nessa posição. Na 2ª posição em diante, a marcação do plural no nome cai sensivelmente. Os modificadores pós-nominais são menos marcados que o núcleo. Essa marcação é ainda menor quando esse modificador é separado do núcleo por outro constituinte.

A partir dessa base, novas questões podem ser formuladas para ampliar a compreensão sobre como a marcação do plural é feita nos constituintes do SN. Dentre essas questões estão:

---

<sup>10</sup> As ocorrências de núcleo em 4ª posição foram muito pouco significativas em termos numéricos e foram agrupadas com as ocorrências de núcleo em 3ª posição.

A frequência de marcação do plural nos determinantes se altera em função do tipo de determinante que ocupa essa posição? A frequência de marcação de plural nos constituintes se altera em função do número de constituintes do SN ou pelo fato de o núcleo do SN não se realizar foneticamente? Para responder a essas questões foram feitas novas fatorações e análises qualitativas, cujos resultados serão apresentados na próxima seção.

## 5 Os determinantes, a realização do núcleo e o número de constituintes do SN

Apesar dos avanços alcançados aqui no equacionamento do efeito da variável posição sobre a concordância nominal de número, alguns pontos ainda carecem de um maior esclarecimento, nomeadamente no que concerne à marcação do plural na posição de determinante, dentro do esquema aqui assumido de que o SN teria três posições básicas: determinante, núcleo, modificador. Assim, serão enfrentadas aqui duas questões: qual a natureza da regra de marcação do plural no determinante único que precede imediatamente o núcleo nominal (e.g., *as coisas*)? E como é essa marcação quando há dois determinantes que se flexionam em número antes do núcleo nominal (e.g., *os meus filhos*)?<sup>11</sup> A resposta a essas questões pode ser decisiva para formalizar com precisão a regra variável de marcação de número no SN do PB.

A fatoração da variável posição nos estudos já feitos até hoje não apresentam evidências suficientes para o enfrentamento das questões propostas nesta seção. Algumas análises agrupam os determinantes pré-nominais em um único fator, sem distinguir, quando há apenas um determinante e quando há dois (OUSHIRO, 2015; MARTINS; COELHO, 2019; por exemplo). Embora a maioria faça a distinção entre determinantes em 1ª e 2ª posição, não distinguem quando o determinante na 1ª posição está adjacente ao núcleo e quando não está (SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996; ANDRADE, 2003; BRANDÃO, 2011, 2013; por exemplo). E como se viu aqui, há uma diferença significativa, entre uma e outra situação. Já Lopes (2001), distingue determinantes pré-nucleares adjacentes ou não ao núcleo, mas não faz a distinção entre 1ª e 2ª posição; com isso reúne entre os determinantes não adjacentes ao núcleo os de 1ª e 2ª posição. Portanto, para mapear adequadamente a marcação de plural nos determinantes, é preciso fatorar a variável posição como foi feito aqui: 1ª posição adjacente ao núcleo, 1ª posição não adjacente ao núcleo, 2ª posição adjacente ao núcleo, 2ª posição não adjacente ao núcleo.

---

<sup>11</sup> A questão também poderia se estender aos SNs com três determinantes flexionáveis em número (e.g., *todos os meus filhos*), mas, em termos realistas, dificilmente se poderá reunir uma quantidade de dados suficientes para enfrentar essa questão. Mesmo no caso de dois determinantes, o número de dados já é normalmente pequeno, em amostras de fala vernacular.

Só foram encontradas quatro ocorrências do último fator na amostra de fala analisada, de modo que essas foram reunidas em um único fator 2ª posição antes do núcleo, tendo-se obtido os seguintes resultados Tabela 6, retomados aqui na Tabela 6a:

Tabela 6a – Frequência da marcação de plural nos determinantes antes do nome

Posição relativa do constituinte	Nº de ocorrências / Total	Frequência	PR
1ª posição adjacente ao núcleo	1.154 / 1.171	98,5%	.950
1ª posição não adjacente ao núcleo	186 / 206	90,3%	.694
2ª posição antes do núcleo	90 / 113	79,6%	.490
TOTAL	2.293 / 3.211	71,4%	

Nível de significância: .000

A primeira questão diz respeito à situação de um único determinante. A frequência de 98,5% de marcação do plural sugere que a marcação do plural nessa posição pode ser categórica. Embora não sejam precisos, os resultados dos estudos anteriores também apontam nessa direção. Em Scherre e Naro (1997, p.105), a frequência de marcação do plural na 1ª posição é de 98%, em Brandão (2011, p. 169) é de 98,7%; já em Fernandes (1996, p. 57) é de 97%. Como esses resultados incluem a 1ª posição não adjacente ao núcleo, na qual a frequência é menor, pode-se deduzir que a frequência de marcação do plural no único determinante que precede o núcleo, como foi constatado aqui, se aproxima muito da marca de 99%, podendo até superar essa marca. Como a frequência de realização entre 99 e 100% define uma regra categórica (LABOV, 2003), pode-se propor que a marcação do plural no único determinante que precede o núcleo é categórica no PB. Se a regra é categórica, as ocorrências de ausência de marca de plural nessa posição devem ser definidas como *acidentes de performance*, ou seja, lapsos, hesitações e erros mecânicos que podem acontecer na fala concreta.

Para verificar essa hipótese, foi feita uma análise qualitativa das 17 ocorrências de não marcação encontradas em um total de 1.171, na amostra de fala aqui analisada. Nessas 17 ocorrências, 5 são do advérbio *bastante*, utilizado como pronome indefinido: tem *bastante atravessadores que moram no Barracão*; tem *bastante veze que a gente marca ensaio pra ensaiá*; já abrange *bastante pessoas*; tem *bastante pessoas da comunidade*; tem *bastante filhos*. Em sua função mais comum de advérbio, esse item lexical é invariável. É plausível postular que isso determinou a não marcação do plural quando esse figurou como determinante nominal. Há ainda uma ocorrência em que o falante hesita claramente: sempre têm *um... famílias*. A rigor, essa ocorrência deveria ter sido retirada da base de dados. Assim, sem essas 6 ocorrências

especiais, restam apenas 11 ocorrências, o que já corresponde a menos de 1% do total, configurando uma situação de regra categórica. Além disso, ainda há 4 ocorrências de *a veze(s)* e 3 ocorrências em que o determinante precede uma palavra começada pelo fonema /m/: *todo meses*, não; não só eu quanto *o mais novos* lá; beijam a mão do *mais velhos*. Foneticamente, seriam contextos que favorecem a aspiração do /s/, gerando uma realização fonética que pode ser difícil de identificar em uma audição simples, sem recurso a aparelhos, como é o caso aqui. Mesmo que não se possa assumir um -s aspirado quase imperceptível em todas essas ocorrências, é uma possibilidade factível para pelo menos parte delas, de modo que certamente o número efetivo de ocorrências de determinantes não marcados em 1ª posição imediatamente antes do núcleo foi inferior a 1% na amostra aqui analisada; o que permite postular uma regra categórica de marcação do plural nessa posição. Assim, as ocorrências sem marcação nesse contexto seriam acidentes de performance. Tal é o caso das 4 ocorrências remanescentes: *essa coisas assim*; *muito deles* têm que acordá cedo; há *um tempos* atrás era; mais mesmo *a pessoas* vão pra igreja.

O mesmo pode se aplicar a um modificador (i.é., um adjetivo) que se coloca nessa posição, embora o número de ocorrências nesta análise não permita uma afirmação mais conclusiva. Foram apenas 11 ocorrências de SNs formados por um nome precedido de um adjetivo (e.g., em busca de *melhores oportunidades* no Centro; mas num é *grandes coisas*; eles conseguiram implantá *novas tecnologias*). Portanto, pode-se postular que, no quadro de variação na concordância nominal de número no PB, a marcação do plural em um determinante ou um modificador em 1ª posição antes do núcleo é categórica. Trata-se uma hipótese forte, mas crucial para formalizar com precisão a regra variável de marcação do plural no SN do PB. Assim, seria muito importante que essa hipótese fosse testada em novas análises, mas, sobretudo, que ela fosse testada nas bases de dados das análises anteriores, isolando adequadamente esse fator e procedendo à análise qualitativa das poucas ocorrências de não marcação.

Já nos casos dos chamados *nomes nus*, ou SNs sem determinante, a marcação do núcleo em 1ª posição é praticamente categórica. Nesta análise a frequência de flexão de número desses nomes em 1ª posição foi de 96,7% (1 ocorrência em um total de apenas 30)<sup>12</sup>. Os resultados dos demais estudos convergem para essa generalização. Em Scherre e Naro (1997, p.105), a frequência de marcação do plural no nome em 1ª posição é de 95%; em Fernandes (1996, p.

---

<sup>12</sup> Essa baixa frequência de nomes nus no plural se deve a possibilidade corrente no PB vernáculo de se usar SNs no singular nesse contexto: *comprei muita batata* ao invés de *comprei muitas batatas*; *dá muito mofo em livro velho* ao invés de *dá muito mofo em livros velhos*.

57) em Lopes (2001, p. 273) é de 94%; já em Brandão (2011, p. 169) é de 96,4%. Portanto, considerando a média, pode-se postular uma regra semicategórica nesse caso, ainda com base na escala proposta por Labov (2003).

Para mensurar o efeito dessas generalizações sobre a posição do constituinte na aplicação da regra de concordância no SN como um todo, é preciso considerar a frequência geral de cada uma dessas estruturas. Tomando por base a distribuição de dados desta amostra, do total de SNs analisados (1.664), 70,4% (1.171) têm um constituinte flexionável em número na primeira posição imediatamente antes do núcleo; ou seja, mais de 2/3 do total. Os SNs com dois elementos antes do núcleo (206) perfazem 12,4% do total. E só 1,8% (30) dos SNs têm o núcleo na 1ª posição; os restantes 257 SNs, que correspondem a 15,4% do total de SNs desta amostra, têm um numeral ou um constituinte não flexionável em número.<sup>13</sup>

Considerando o amplo predomínio da estrutura com um determinante seguido pelo nome, a frequência de aplicação da regra de concordância no SN como um todo (que é mensurada somente na análise sintagmática) tenderá a ser um pouco inferior à frequência de marcação do núcleo nominal, na 2ª posição (sua posição canônica). Nesta análise mesmo, o núcleo em 2ª posição se flexiona em 49,3% dos casos, e a frequência geral de aplicação da regra de concordância no SN como um todo é de 48,1%. Essa ligeira diferença se deve ao fato de que a marcação do plural nos modificadores pós-nominais é um pouco inferior à do núcleo, como se viu na seção anterior.

A segunda questão posta no início desta seção diz respeito à situação com dois determinantes antes do nome. Os resultados indicaram, inicialmente, que o determinante na 1ª posição seria mais marcado do que os determinantes em 2ª posição, como nos seguintes exemplos:

(15) conversá com *as própria* pessoa

(16) *os outro* lugar aí pra fora

Porém, esta análise assumiu a não realização do núcleo nominal como em:

(17) Não é uma couve tão resistente como *essas outras*.

Nesta análise, *essas* e *outras* foram classificados como determinantes de um núcleo nominal não realizado [*couves*]. Nos estudos anteriores (Scherre, 1988, por exemplo), o *outras*,

---

<sup>13</sup> Embora esse constituinte possa ser um adjetivo não flexionável em número (e.g., são *simples perguntas*), é provável que a imensa maioria, senão a totalidade, seja de numerais (e.g., comprei *duas coisinhas*).

nesses casos, foi classificado como *categoria substantivada*, ou seja, como núcleo. Classificar esse tipo de constituinte como determinante que especifica um núcleo não realizado foi interessante para observar o comportamento desse tipo de constituinte no SN. Assim, foi feita uma nova rodada distinguindo os determinantes em 2ª posição que se ligavam a núcleo não realizado daqueles que se ligavam a um núcleo realizado, obtendo-se os seguintes resultados:

Tabela 6b – Frequência da marcação de plural em cada item do SN em função da posição do constituinte com referência ao núcleo

<b>Posição relativa do constituinte</b>	<b>Nº de ocorrências / Total</b>	<b>Frequência</b>	<b>PR</b>
<b>1ª posição adjacente ao núcleo</b>	1.154 / 1.171	98,5%	<b>.949</b>
<b>1ª posição não adjacente ao núcleo</b>	186 / 206	90,3%	<b>.691</b>
<b>2ª posição com núcleo realizado</b>	68 / 72	94,4%	<b>.786</b>
<b>2ª posição com núcleo vazio</b>	22 / 40	55%	<b>.199</b>
<b>Núcleo em 1ª posição</b>	29 / 30	96,7%	<b>.865</b>
<b>Núcleo em 2ª posição</b>	670 / 1.359	49,3%	<b>.098</b>
<b>Núcleo em 3ª posição</b>	87 / 159	54,7%	<b>.149</b>
<b>2ª posição adjacente ao Núcleo</b>	21 / 38	55,3%	<b>.167</b>
<b>3ª e 4ª posições adjacente ao Núcleo</b>	21 / 48	43,8%	<b>.084</b>
<b>Após o núcleo não adjacente a ele</b>	31 / 82	37,8%	<b>.064</b>
<b>TOTAL</b>	<b>2.293 / 3.211</b>	<b>71,4%</b>	

**Nível de significância: .000**

Tanto os percentuais quanto os pesos relativos revelam que o que jogou para baixo a marcação do plural nos determinantes em 2ª posição foram as ocorrências com o núcleo não realizado. Nesses casos, a frequência de marcação do plural é de apenas 55% (PR .199), ao passo que a marcação do plural nessa posição é de 93,2% (PR .786) quando o núcleo está realizado. Assim, esses determinantes acabam se comportando como se fossem realmente núcleos nominais, conquanto sejam ligeiramente mais marcados do que o núcleo realizado em 2ª posição do SN, que é marcado em 49,3% dos casos (PR .098). Como implicação teórica, esse resultado sugere que, no que seria uma estrutura superficial, da externalização da frase, esse constituinte assume a posição de núcleo do SN,<sup>14</sup> mesmo quando em um nível semântico mais profundo, ou na forma lógica do gerativismo, essa posição seja ocupada pelo nome referencial.

<sup>14</sup> Isso ratifica a forma como Scherre (1988), classificou esses dados. A classificação diferente adotada inicialmente nesta análise visou a testar empiricamente a classificação adotada por Scherre, que coincide com a da tradição gramatical, que assume que esses termos são *substantivados*.

Além disso, há construções em que itens lexicais como *outros* parecem funcionar efetivamente como nomes, sendo difícil postular um núcleo nominal não realizado, como em:

(18) interagindo um com *os outros*.

Por outro lado, invertem-se os resultados da Tabela 6, e os determinantes em 2ª posição passam a se flexionar mais em número do que os de 1ª posição; resultado que vai ao encontro do princípio postulado por Lopes (2001) de que os determinantes adjacentes ao nome são mais marcados do que os determinantes não adjacentes.<sup>15</sup> De qualquer forma, a marcação do plural quando há mais de um determinante cai razoavelmente, ficando inclusive abaixo da marcação do nome em 1ª posição.

Buscando identificar o que teria provocado esse declínio, foi feita uma análise qualitativa das ocorrências de determinantes nessas duas posições que não se flexionaram em número. Na 1ª posição não adjacente ao núcleo, houve 20 ocorrências de não marcação. Em 17 ocorrências o artigo definido ocupou essa posição. Em 9 (ou seja, em mais da metade do total), o artigo antecedia o topônimo *Três Picos* (e.g., *O Três Pico* já tá bem diferente.). Embora tenha havido 20 ocorrências em que o artigo se flexionou em número nessa situação (e.g., parte *dos Três Picos* é um ponto bem importante), pode-se argumentar que o nome próprio tomado como uma singularidade pode ter induzido à não marcação do plural. Nas oito ocorrências restantes, o artigo antecede um possessivo, sendo que em seis esse possessivo é *meus/minhas* (e.g., o que eu sei foi *o meus pais* que me ensinaram; vô pra casa da minha avó, *na minhas prima*), ou seja, um contexto fonético que favorece a aspiração do -s, dificultando a sua percepção (cf. supra). Por fim, em três ocorrências, o elemento que figura nessa posição é o quantificador *muitos/muitas*, em construções do tipo:

(18) ***Muita*** *das vezes*, a gente se decepiona.

Na amostra analisada, houve outras três ocorrências desse tipo, em que o quantificador se flexionou:

(19) ***Muitas*** *das vezes*, querem enrolar.

Assim, pode-se pensar que essa construção favorece especialmente a variação. Portanto, restam apenas duas ocorrências em que não se identificou um fator externo que teria favorecido a não marcação. Nas duas, o artigo definido precede o possessivo *nossas*:<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Autor (Ano) já havia observado isso, em sua análise da variação de concordância nominal de gênero, no português afro-brasileiro.

<sup>16</sup> Por se tratar de uma nasal /n/, também se poderia aventar, neste caso, a hipótese da aspiração, embora, ao que apreço, a aspiração seria mais favorecida pela articulação labial de /m/ e /v/ do que pela nasalidade.

- (20) A água lá é nascente *da nossas terra* memo.  
(21) na época assim *da nossas avó*,

Assim, pode-se assumir que a rigor a frequência da marcação do plural na 1ª posição não adjacente ao núcleo deve ser maior do que os 90% encontrados aqui, podendo-se postular que a regra nesse caso pode ser semicategórica. De qualquer forma, nas construções artigo + possessivo + nome, se um dos determinantes deixar de se flexionar em número, será o artigo, já que nas 17 ocorrências desse tipo o possessivo se flexionou em todas, enquanto o artigo não se flexionou em 8, o que corresponde a 47% do total. Nas 4 ocorrências de determinante não marcado em 2ª posição, só em uma o artigo definido figura nessa posição, sendo precedido pelo quantificados *todas*: tem em *todas a festas*. E o quantificador *todos/todas* se flexiona nas 14 ocorrências desse tipo encontradas na amostra (e.g., aí juntava *todas as famílias da região*). Nas quatro restantes, um pronome indefinido ocupava essa posição, sendo que em uma há uma hesitação do falante:

- (22) *as outra região*  
(23) *os otro lugá* aí pra fora  
(24) É *as mesma... merma rotina* sempre.

É interessante observar que esses indefinidos não reforçam a ideia de plural, como é o caso de *vários/as* e *muitos/as*, que podem ocorrer nessa posição, como em: *os vários problemas que enfrentamos; as muitas noites que passei em claro*.<sup>17</sup> Se a ocorrência em (24) for desconsiderada, em função da hesitação do falante, como um acidente de performance, chegasse a faixa de uma regra de semicategórica, com 95,8% do total. Portanto, em relação a marcação do plural nos determinantes, os resultados desta análise possibilitam as seguintes generalizações:

- (i) a marcação do plural no determinante que ocupa a 1ª posição imediatamente antes do núcleo nominal é categórica;
- (ii) a marcação do plural quando há dois determinantes antes do nome decai um pouco, constituindo nesse caso uma regra semicategórica.

Os fatores que pode provocar a variação em (ii) são:

- (i) a ocorrência do artigo definido na 1ª posição antes de um possessivo;<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Infelizmente não houve ocorrências desse tipo na amostra analisada, de modo que esses exemplos foram criados para efeito de ilustração.

<sup>18</sup> Essa variação poderia estar associada, como se disse acima, ao fenômeno da aspiração do -s, junto aos possessivos da 1ª pessoa.

- (ii) a ocorrência de um pronome indefinido que não reforça a ideia de plural na 2ª posição;
- (iii) a ocorrência de um artigo definido na 2ª posição, após o quantificador *todos/todas*.

Chega-se, assim, a um mapeamento muito detalhado, não apenas da marcação de plural nos constituintes do SN, mas sobretudo no que concerne aos seus determinantes.

Um aspecto que deverá ser enfrentado em futuras análises é por que há uma ligeira elevação na marcação do núcleo nominal na 3ª posição, em relação à 2ª posição. Uma explicação possível estaria relacionada ao fato de que o nome em 3ª posição é normalmente precedido por determinantes que se flexionam em número em um nível semicategórico, como se pode nos seguintes exemplos:

- (25) uma pessoa de Conquista ou *dos outros lugares*
- (26) moram com *os próprios filhos* hoje em dia

Essa dupla marcação poderia estar favorecendo a marcação do plural no nome em 3ª posição mais do que no nome em 2ª posição que é precedido por apenas um determinante flexionado em número. Essa explicação vai ao encontro de uma das facetas do princípio do *paralelismo formal*, proposto por Scherre (1988). De qualquer forma, análises futuras poderão tentar mapear o efeito das diversas combinações de determinantes que podem figurar antes do nome em 3ª posição sobre a marcação do plural neste último.

## Conclusão

Os resultados empíricos obtidos com uma nova fatoração da variável *posição e natureza do constituinte*, bem como a análise qualitativa das ocorrências de alguns fatores desse grupo, possibilitaram um avanço significativo no equacionamento dos efeitos dessa variável sobre a variação na marcação do plural no SN, no qual as observações de detalhe não entram em contradição dos princípios gerais, já percebidos desde as primeiras análises variacionistas do fenômeno. Assim, a primeira grande generalização que se impõem é que, no quadro de variação da concordância nominal de número no PB, o plural é marcado prioritariamente na 1ª posição, decaindo sensivelmente a partir da 2ª posição, em função do nível de variação do fenômeno em cada variedade do PB, que, por sua vez, está fortemente relacionado a fatores externos como nível de escolaridade dos falantes e o grau de monitoramento do ato de fala (XHERRE, 1988; LOPES, 2001; BRANDÃO, 2011, 2013; MARTINS; COELHO, 2019). Assim, entre falantes altamente escolarizados, o nível de variação no emprego da regra de concordância de número

será bem reduzido, diminuindo bastante a diferença na marcação do plural entre a 1ª e a 2ª posição.

A diferença na frequência de marcação do plural entre a 1ª e a 2ª posição também será reduzida se essas posições forem ocupadas por dois determinantes. Para explicar isso, a análise tem de recorrer a uma formalização mais explícita da configuração estrutural do SN, como a adotada aqui, que compreende a estruturação do SN em três posições essenciais: determinante + nome + modificador. Com base nessa representação estrutural, a análise desenvolvida aqui chegou às seguintes conclusões, em relação à regra de marcação do plural no SN em função da variável posição e natureza dos constituintes:

- (i) a marcação do plural no determinante que ocupa a 1ª posição do SN imediatamente antes do núcleo nominal é categórica (e.g., *as coisa*);
- (ii) quando a posição de determinante se divide em duas (e.g., *os meus filho*), a frequência de marcação do plural nos determinantes que ocupam a 1ª e 2ª posições lineares cai um pouco, configurando nessa caso uma regra semicategórica, conquanto o determinante em 2ª posição imediatamente antes do núcleo seja ligeiramente mais marcado do que o determinante em 1ª posição (e.g., *o meus filho*);
- (iii) o modificador que figura na 1ª posição antes do núcleo também se flexiona em número categoricamente (e.g., *novos problemas*);
- (iv) no caso dos chamados *nomes nus*, ou seja, nos SNs sem determinantes (e.g. *sacos vazios*), o nome na 1ª posição do SN se flexiona em número em uma frequência bem próxima a do determinante nessa posição, configurando uma regra semicategórica;
- (v) a marcação do plural no nome em 2ª posição cai sensivelmente em relação à 1ª posição (e.g, *as coisa*), configurando uma regra variável que é fortemente determinada por variáveis externas (nível de escolaridade, grau de formalidade etc.);
- (vi) a frequência de marcação do plural no nome em 3ª posição é ligeiramente superior à do nome em 2ª posição (e.g. *os mesmos problemas*), mas a natureza variável da regra nesses casos não se altera;
- (vii) a frequência de marcação do plural nos modificadores pós-nominais é sempre um pouco inferior à dos nomes que os precedem (e.g., *umas roupas velha*), e natureza variável da regra é a mesma nas duas posições;

- (viii) a menor frequência de marcação de plural no SN se encontra nos modificadores pós-nominais separados do núcleo por outro constituinte (e.g., *os filhos mais velho*), constituindo aí também uma regra variável.

A representação estrutural do SN aqui adotada permite explicar por que, em um cenário de variação elevada, a diferença entre a 1ª e a 2ª posições é pequena quando nelas figuram dois determinantes e é grande quando nelas figuram um determinante e um nome. No primeiro caso, ocorre apenas uma divisão da posição de determinante. No segundo caso, são duas posições qualitativamente distintas, a do determinante e a do nome. Porém, em alguns casos a posição linear, sobretudo a 1ª posição, se impõe sobre a natureza do constituinte. Assim, a frequência de marcação do plural nos constituintes do SN é muito semelhante, quer se trate de um SN formado por um determinante e um nome, quer se trate de um SN formado por nome e um adjetivo, pois o nome em 1ª posição se comporta como um determinante e o adjetivo em 2ª posição como se fosse o núcleo do SN. Isso também acontece com o determinante em 2ª posição, quando o núcleo do SN não está realizado (e.g., não use *essas caixa*, use *as outra*), pois nesse contexto esse determinante se comporta como o núcleo do SN. Da mesma forma, adjetivo, quando ocupa a 1ª posição antes do núcleo se flexiona categoricamente em número, como ocorre com um determinante nessa posição.

O impacto dessas regras de marcação do plural em função da posição e natureza do constituinte na aplicação da regra de concordância no SN como um todo deve ser mensurado, considerando as variáveis número de constituintes e configuração sintagmática do SN. Como quase dois terços dos SN, na fala vernácula, em geral, são formados apenas por dois constituintes, um determinante e o núcleo nominal, a frequência de marcação do plural no nome vai determinar, em grande medida, o nível de variação na variedade estudada, sendo a frequência de marcação de plural no nome ligeiramente superior à frequência geral de aplicação da regra de concordância no SN como um todo. Na amostra aqui analisada, por exemplo, a frequência de marcação do plural no nome em 2ª posição foi de 49,3%, e a frequência de aplicação da regra de concordância no SN foi de 48,1%. Essa diminuição se deve sobretudo à marcação dos modificadores pós-nominais, cuja frequência de flexão de número é um pouco mais baixa do que a dos nomes. Porém, seu impacto na aplicação da regra é reduzido em função da sua pouca representatividade. Na amostra de fala aqui analisada, apenas 9% dos SNs tinha um adjetivo após o nome (e.g., *vem das tradições antigas*) e somente em 1% um determinante ocorria após o nome (e.g., mesmo com *as dificuldades nossas*). No primeiro caso, a frequência de aplicação da regra de concordância no SN caiu de 48,1% para apenas 18,8%, enquanto, no

segundo caso, a queda foi menor, de 48,1% para 37,7%, mas os pesos relativos indicaram que o efeito é semelhante nos dois casos, sendo que os adjetivos após o nome desfavoreceriam um pouco mais a aplicação da regra (PR .385) do que os determinantes que figuram depois do nome (PR .397).<sup>19</sup> Nesse sentido, os modificadores pós-nominais que estão separados do núcleo por outro constituinte seriam o fator que mais impactaria negativamente na aplicação da regra de concordância de número no SN como um todo.

Por fim, pode-se afirmar que as conclusões desta análise constituem um avanço importante no equacionamento dos efeitos da variável posição e natureza do constituinte sobre a variação da concordância nominal de número no PB, em relação a um esquema que se reproduziu nas análises variacionistas, praticamente sem alterações, por mais de 30 anos. Diante disso, deve-se afirmar que, para se renovar e atrair novos pesquisadores, o paradigma variacionista não pode se contentar em confirmar o que já se sabe, sem buscar um aprofundamento teórico que gere hipóteses que possam iluminar facetas desconhecidas dos condicionamentos estruturais dos fenômenos variáveis. Não obstante isso, neste artigo são lançadas hipóteses que deveriam ser testadas em outras bases de dados, em análises que, a partir daí, podem lançar novas hipóteses sobre os efeitos da variável posição e natureza do constituinte sobre a variação na concordância nominal de número.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Patrícia Ribeiro de. *Um fragmento da constituição sócio-histórica do português do Brasil: variação na concordância nominal de número em um dialeto afro-brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
- BRAGA, Maria Luiza. *A Concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), PUC, Rio de Janeiro, 1978.
- BRAGA, Maria Luiza; SCHERRE, Maria Marta Pereira. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. In: *ENCONTRO NACIONAL DE LINGUÍSTICA*, 1o, 1976. Anais ... Rio de Janeiro, PUC, 1976. p.464-77.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências. *Revista Veredas*, v.15, nº1, p.164-178, 2011.
- BRANDÃO; Silvia Figueiredo. Patterns of plural agreement within the Noun Phrase. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 12, n. 2, p. 51-100, 2013.
- FERNANDES, Marisa. *Concordância nominal na região sul*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

---

<sup>19</sup> Resultados da análise sintagmática, que não foi apresentada aqui.

- GUY, Gregory. *Linguistic variation in Brazilian portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Dissertation (PHD in Linguistics) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1981a.
- GUY, Gregory. Parallel Variability in American dialects of Spanish and Portuguese. In: SANKOFF, David; CEDERGREN, Henrietta (eds.). *Variation Omnibus*. Canada: Linguistic Inc., 1981b. p.85-93.
- GUY, Gregory; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008[1972].
- LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Oxford; Cambridge: Blackwell, 1994.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.
- LOPES, Norma da Silva. *Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- MARTINS, Flávia S.; COELHO, Izete. Uma abordagem Sociolinguística da Concordância Nominal de Número no Falar dos Moradores do Município de Fonte Boa (Amazonas). *Fórum Linguístico*, v. 16, n. 4, p. 4097-4117, 2019.
- NINA, Terezinha. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na Micro-Região Bragantina*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1980.
- OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- POPLACK, Shana. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, William. (ed.). *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1980. p.55-67.
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- SCHERRE, Marta. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1978.
- SCHERRE, Marta. *Reanálise da Concordância Nominal em Português*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.
- SCHERRE, Marta. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: OLIVEIRA, Giselle Machline de; SCHERRE, Marta (Org.). *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996b. p.85-118
- SCHERRE, Marta; NARO, Anthony Julius. A concordância de número no português do Brasil: um caso de variação inerente. In: HORA, Dermeval da (org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 93-114.